



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

FARAH CATHARINE DE QUEIROZ SILVA

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO EXPRESSIVO-REFLEXIVO NA
SAÚDE MENTAL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL**

**CAMPINA GRANDE
2018**

FARAH CATHARINE DE QUEIROZ SILVA

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO EXPRESSIVO-REFLEXIVO NA
SAÚDE MENTAL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Sibelle Maria Martins de Barros.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Farah Catharine de Queiroz.
A Contação de história como recurso expressivo-reflexivo na saúde mental [manuscrito] : uma proposta de intervenção psicossocial / Farah Catharine de Queiroz Silva. - 2018.
35 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Sibelle Maria Martins de Barros, Departamento de Psicologia - CCBS."
1. Intervenção psicossocial. 2. Saúde mental. 3. Contação de histórias. I. Título

21. ed. CDD 371.9

FARAH CATHARINE DE QUEIROZ SILVA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO EXPRESSIVO-REFLEXIVO NA
SAÚDE MENTAL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Psicologia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Saúde.

Aprovada em: 08/08/2018.

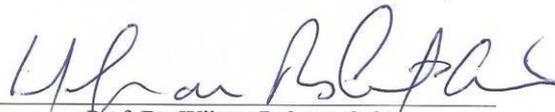
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Sibelle Maria Martins de Barros (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Josevânia da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Wilmar Roberto Gaião
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A meu saudoso pai, Felon Virgolino da Silva (*in memoriam*), a minha filha, Julia Raposo, aos familiares e amigos, pelo apoio, dedicação, e companheirismo, e à Espiritualidade de Amiga, pela luz e sustentação espiritual com que me tem agraciado, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Prof^ª. Ana Cristina, coordenadora do Curso de Psicologia da UEPB, pela atenção e intervenções pontuais e decisivas em momentos críticos enfrentados no decorrer do meu processo de graduação.

À Prof^ª. Sibelle Barros, orientadora deste trabalho e supervisora do estágio, por sua generosidade acadêmica, além da paciência e compreensão no acolhimento das ansiedades e tensões decorrentes do estresse vivenciado no processo.

Aos professores do Curso de Psicologia da UEPB, que contribuíram ao longo dos anos de graduação, nas disciplinas e debates, à apreensão do conhecimento necessário à devida formação profissional, alicerçando o desenvolvimento deste trabalho.

Aos funcionários da UEPB, sobretudo a Robson, Leandro, Nildo, Andressa, Fábio e equipe da copa e limpeza, pela gentileza e presteza de sempre no atendimento. À Valdenice Costa Porto, pelo carinho e amizade. À Ana Paula e à Livraria Campinense. Às Coleguinhas da lanchonete e lan house.

À Katarina Paiva, Mariana Adamastor e Renata Oliveira pelos preciosíssimos cuidados terapêuticos, imprescindíveis ao equilíbrio mente e corpo, nessa reta final do curso.

A meu pai Fenelon Virgolino da Silva e minha mãe Nair de Queiroz Silva (*in memoriam*), sempre presentes em meu coração. A minha irmã e madrinha, que chamo carinhosamente de Netinha, e a nossa “Família Legal”, que me oferecem o suporte afetivo imprescindível à superação dos obstáculos enfrentados na vida. À Julia Teodora, filha querida, pela fortaleza nutrida do seu amor.

À Izabela Nóbrega, Thisciane Moura e Aline Melo, amigas em quem encontrei companheirismo e apoio nos altos e baixos atravessados nesse percurso e na vida. Aos colegas de turma, sobretudo aos que comigo compunham o “Quarteto Fantástico”: Bruno Henrique, Pablo Leonardo e Vanessa Soares, parceiros na formação acadêmica, amigos para além dos muros desse departamento e da vida.

Ao Grupo Arco-Íris e à Sueli Barbosa, técnica do CAPS responsável pelo grupo, e a toda comunidade CAPS III - Reviver - Campina Grande/PB, pela gentileza e generosidade do acolhimento e crédito em nosso trabalho.

“O radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em “círculos de segurança”, nos quais aprisione também a realidade. Tão mais radical quanto mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la. Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar. Se a sectarização, como afirmamos, é o próprio do reacionário, a radicalização é o próprio do revolucionário.” Paulo Freire.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
1.1	A Reforma Sanitária e a Reforma Psiquiátrica brasileiras	08
1.2	A Psicologia Social Comunitária e sua interface com a Educação Popular e a Arteterapia	10
2	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	12
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
3.1	Oficina 1: Respeito às diferenças	14
3.2	Oficina 2: Identidade e Solidariedade	17
3.3	Oficina 3: Resolução de conflitos	19
3.4	Oficina 4: Medos e Esperanças	22
3.5	Oficina 5: Direitos e Cidadania	25
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	30

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO EXPRESSIVO-REFLEXIVO NA SAÚDE MENTAL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL

Farah Catharine de Queiroz Silva¹

RESUMO

Este relato de experiência refere-se à experiência de estágio supervisionado em Psicologia Social, realizado no Centro de Atenção Psicossocial - CAPS III, no município de Campina Grande/PB. A intervenção psicossocial realizada objetivou promover autonomia e estímulo ao potencial de vida dos usuários, por meio do estímulo à corresponsabilização na construção de sua qualidade de vida e cidadania, à expressividade criativa e reflexiva e ao fortalecimento dos laços socioafetivos no contexto grupal. No intuito de contemplar tal objetivo, foram realizadas oficinas semanais, com base no aporte teórico da Psicologia Social Comunitária. Como recursos metodológicos foram utilizadas a Contação de História e outras metodologias participativas, que incentivaram o diálogo reflexivo no grupo. Acredita-se que houve ampliação do repertório narrativo-discursivo dos participantes, repercutindo positivamente na ampliação das visões de mundo e dos padrões identitários e afetivos, tanto em termos subjetivos, considerando a singularidade de cada membro, quanto no contexto dos processos grupais.

Palavras-Chave: Intervenção Psicossocial. Saúde Mental. Metodologias Participativas. Contação de Histórias.

1 INTRODUÇÃO

Este relato de experiência refere-se à intervenção psicossocial realizada no âmbito do Estágio Supervisionado para graduação no Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, na área de Psicologia Social, mais precisamente sob o enfoque da Psicologia Social Comunitária.

A intervenção psicossocial realizada teve como objetivos: fortalecer os laços socioafetivos no contexto grupal; fomentar a autonomia e o potencial de vida dos usuários; promover a conscientização e a corresponsabilização na construção de sua qualidade de vida e cidadania e, por fim, estimular a expressividade reflexiva e criativa. Dessa forma, procurou-se promover processos intersubjetivos que contribuíssem para a transformação dos usuários e do grupo, em um contexto de solidariedade e respeito.

¹ Aluna de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: farahcatharine2@gmail.com

Partiu-se do pressuposto de que a proposta da Psicologia Social Comunitária, aporte teórico que embasou as intervenções, contribui para ações em saúde alinhadas à proposta da Reforma Psiquiátrica. Nesse sentido, a intervenção psicossocial, a partir da compreensão dos diversos fatores psicossociais, da consideração do papel ativo do sujeito e das determinações sociais que incidem sobre ele, permite minimizar o sofrimento psíquico, resgatar suas potencialidades subjetivas e, por meio do fomento à consciência de coletividade, promover mudanças em seus contextos e cotidianos, em busca de melhor qualidade de vida. Os usuários, portanto, são entendidos como cidadãos, sujeitos de direitos, capazes de autonomia e protagonismo conscientes.

A Psicologia Social Comunitária, nesse escopo, contribui para o campo da Saúde Coletiva, área interdisciplinar que envolve saberes e práticas voltadas às questões relacionadas à saúde e doença, a partir de um modelo de saúde contra-hegemônico (ALMEIDA-FILHO; PAIM, 2014), que considera os determinantes sociais e políticos e que, ao mesmo tempo, visa a emancipação dos sujeitos. Define-se, assim, tanto pela produção de conhecimento para a compreensão dos fenômenos da saúde, a partir dos determinantes sociais, como pelas práticas voltadas à promoção, prevenção e cuidado a agravos e doenças, tendo como objetos o indivíduo e a coletividade (VIEIRA-DA-SILVA; PAIM; SCHRAIBER, 2014).

1.1 A Reforma Sanitária e a Reforma Psiquiátrica brasileiras

O Movimento Antipsiquiátrico surgiu, no Brasil, no contexto das mobilizações sociais promovidas pelo Movimento de Reforma Sanitária, mobilização popular em prol da melhoria de condições da Saúde Pública do país, desencadeada e fortalecida entre as décadas de 1970 e 1980. Amarante et al. (1995) reconhecem a importância das inúmeras instituições, entidades, movimentos e militâncias engajadas nesse processo reivindicatório de mudança, destacando o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental - MTSM como ator social e sujeito político fundamental na consolidação das propostas de reformulação do sistema assistencial e do pensamento crítico em relação ao saber psiquiátrico.

O sucesso da implantação dos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS, a partir de 1987, em São Paulo, e o processo de intervenção dos hospitais psiquiátricos iniciado em Santos/SP, em 1989, fomentou a “desconstrução do manicômio” no Brasil, inspirado na Psiquiatria Democrática Italiana, de perspectiva basagliana. Tal fato culminou na aprovação federal, em 1992, da substituição progressiva do modelo hospitalar por uma rede integrada de

atenção à Saúde Mental, em que os CAPS se tornaram referência nas políticas públicas de Saúde Mental e campo estratégico de formação profissional no novo paradigma de atenção psicossocial. (AMARANTE, 2012; DELGADO et al., 2007).

Somente em 2001, após 12 anos de tramitação no Congresso Federal, foi sancionada a Lei nº 10.216/2001, a Lei da Reforma Psiquiátrica, que, finalmente, regulamentou o modelo de assistência em Saúde Mental no Brasil, tornando-o parte integrante do Sistema Único de Saúde - SUS, buscando oferecer assistência dentro da própria comunidade do usuário e estabelecendo direitos às pessoas com transtorno mental. (BRASIL, 2001).

A Reforma Psiquiátrica não se restringe à mera reestruturação técnico-administrativa do modelo assistencial psiquiátrico, implica em um processo social complexo de *desinstitucionalização*, que inclui a desconstrução do conceito de *clínica*, ultrapassando a concepção de espaço de isolamento terapêutico ou tratamento moral, para assumir a dimensão de espaço de criação de novas subjetividades, sociabilidades e possibilidades a usuários e técnicos do serviço. Nessa reconfiguração do lugar social do louco, reclama-se nova compreensão social da loucura. (AMARANTE, 2003). Assim, a noção de doença deve ser desnaturalizada, deixando de ser tomada como objeto de estudo e tratamento, ou mera alteração orgânica, para ser compreendida como experiência de vida, inerente ao processo saúde-enfermidade próprio da existência humana, sendo considerada na singularidade de cada caso.

Na relação técnico-instituição-sujeito, a preocupação concreta deve focar o sujeito e não a doença. É preciso responsabilizar-se efetivamente pelo sofrimento humano, com a consolidação do paradigma do cuidado e da cidadania como princípios éticos. A clínica é ampliada pela articulação com o eixo político e pela transposição estratégica dos espaços sociais e do olhar e agir terapêuticos reducionistas, que deixam de ser restritivos, com a compreensão de que todos os sujeitos envolvidos na complexidade do contexto são atores sociais, agentes de construção e transformação da realidade. (AMARANTE, 2003). Nesse sentido, o trabalho do psicólogo deve focalizar não a doença e sim o sofrimento de sujeitos concretos e singulares, levando em consideração a determinação psíquica e sociocultural dos problemas inerentes a esse processo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013).

Lussi et al. (2006) corroboram atentando que cabe aos técnicos em Saúde Mental o papel de facilitadores deste processo, viabilizando o desenvolvimento de potencialidades subjetivas capazes de atenuar a vulnerabilidade, pela formação e fortalecimento dos vínculos sociais. Machado e Lavrador (2009) também ressaltam que o objetivo do “cuidador” deve ser menos cuidar e mais provocar no outro o desejo de “cuidar de si”, o que é um desafio

cotidiano à política de humanização. Nesse bojo, há espaço profícuo de trabalho para o psicólogo social, que visa, para além da perspectiva psicopatológica, contribuir à promoção de saúde, buscando levar sujeitos e grupos à apropriação de sua autonomia e cidadania, ao empoderamento pela compreensão de seu potencial ativo na construção da realidade social.

Vale considerar ainda que Moreira e Castro-Silva (2011) apontam a importância da amizade e dos “bons encontros” nesse processo, destacando a capacidade de afetação recíproca acionada na dimensão relacional, em que, de acordo com a forma como os encontros intersubjetivos se dão, a “potência de ação”² dos sujeitos pode ser aumentada ou diminuída. Assim, os bons encontros propiciados pelo acolhimento e os laços de amizade estabelecidos nos espaços de convivência viabilizam trocas afetivas e potencialização da força de agir do sujeito, funcionando como propulsores de transformação subjetiva, e, conseqüentemente grupal.

1.2 A Psicologia Social Comunitária e sua interface com a Educação Popular e a Arteterapia

A Psicologia Social Comunitária (PSC) tem origem no Brasil na década de 1960, em um contexto de ditadura militar, que cerceava direitos humanos e reforçava a desigualdade social. Diante desse contexto, sua proposta tinha como objetivo adeselitização da profissão e o comprometimento ético-prático com a transformação social. A atuação do psicólogo, portanto, ocorria junto aos grupos sociais populares e, posteriormente, adentrou nas instituições públicas voltadas à promoção de desenvolvimento social (CAMPOS, 2009). A PSC focaliza a construção compartilhada e solidária do saber, acerca da realidade social, entre o sujeito da comunidade e o psicólogo. (GÓIS, 2005). Assim, o psicólogo social atua como um facilitador de processos (CAMPOS, 2009), trabalhando o contexto sociocultural, a diversidade existente e as peculiaridades de cada grupo, visando promover mudança, desde que seja uma necessidade percebida pelo grupo (FREITAS, 2009; NEIVA, 2010; SARRIERA et al., 2004).

A intervenção psicossocial comunitária viabiliza a formação da consciência crítica e a construção da identidade grupal e individual em consonância ético-humanitária (FREITAS, 2009), pautando-se em categorias como *identidade, atividade, consciência, ideologia,*

² “O conceito de potência de ação de Espinosa abarca a afetividade como elemento importante no processo de emancipação do sujeito, sugerindo que, na relação intersubjetiva, os aspectos ligados à necessidade, aos valores éticos, assim como à satisfação ficam mais salientes”, propiciando a promoção e o fortalecimento dos sujeitos de direitos (MOREIRA e CASTRO-SILVA, 2011, p. 549).

afetividade, processos grupais, sofrimento ético-político, inclusão/exclusão social (AGUIAR, 2001; CHAUI, 1991; CIAMPA, 2001; GÓIS, 2005; LANE, 1995, 1984; MARTINS, 2007; PAIVA, 2007; SAWAIA, 1999), convergindo, assim, com a perspectiva de atuação psicossocial preconizada nos parâmetros da Reforma Psiquiátrica e da Saúde Coletiva, que busca a assunção dos usuários ao papel consciente de sujeitos de direitos, com a apropriação concreta da autonomia e cidadania.

Na prática, recorre aos pressupostos teórico-metodológicos da *Educação Popular*, cuja técnica da “*roda de conversa*” apresenta-se como “ato educativo contextualizado”, pautada em construções dialógicas cotidianas entre sujeitos reflexivos, articulando questões aparente e ideologicamente desconexas (FREIRE, 2013; SAMPAIO et al., 2014). Outras *Metodologias Participativas* também podem ser utilizadas no intuito de trabalhar temáticas delicadas de forma lúdica, combinando ação e espontaneidade de modo contextualizado, para a sensibilização, vivência, reflexão e ressignificação de conhecimentos e valores, a partir das características grupais e dos objetivos pretendidos, em intervenções chamadas de “*oficinas de trabalho*” ou simplesmente “*oficinas*” (SILVA, 2002). Vale-se também da diversidade de recursos expressivos da arte, alinhando-se à perspectiva apontada por Amarante (2012, p.10), em que se pode conceber “a arte-cultura como produção de vida, de subjetividades, de significados e sentidos”, de “papel libertário, emancipador, de luta e construção de sujeitos não apenas individuais, mas coletivos”.

Nesse sentido, a *Arteterapia*, por meio da Contação de História, apresenta uma proposta metodológica interessante para a intervenção psicossocial. A *Contação de Histórias* utiliza as modalidades de expressão artística ou de representações plásticas como recursos terapêuticos, possibilitando a promoção de saúde de modo ampliado, na medida em que favorece não apenas a atenuação do sofrimento psíquico, mas também a potencialização das dimensões cognitivas, reflexivas, criativas e afetivas, promovendo a comunicação e a aproximação entre os participantes, com efeito humanizador e de redescoberta de si (GOMES et al., 2014). A criação, a escuta e a contação de histórias auxilia na confrontação dos problemas e na elucidação de soluções, favorecendo o processo de simbolização, imprescindível à inserção na dimensão sociocultural, pela mediação da linguagem afetiva-emocional (LEMOS; SILVA, 2012). Incentiva ainda o protagonismo, por meio da ressignificação e redefinição da própria história e subjetividade, tanto pessoal como grupal, aclarando elementos facilitadores da compreensão do próprio sofrimento e lugar social (CAMPOS-BRUSTELO et al., 2010).

A proposta da Contação de História como recurso metodológico de Arteterapia coaduna com os objetivos da Psicologia Social Comunitária, já que esta, como atenta Neiva (2010), objetiva promover saúde, procurando potencializar, no grupo-alvo da intervenção, os recursos psicológicos necessários ao enfrentamento das questões que incidem em sua realidade, em consonância, também, com os parâmetros da Reforma Psiquiátrica.

2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Este projeto de intervenção psicossocial foi desenvolvido no Centro de Atenção Psicossocial - CAPS III, do município de Campina Grande/PB, com os usuários componentes do Grupo Arco-íris, que existe desde 2010 nessa instituição. Caracteriza-se como um grupo semi-aberto, contando, naquele momento, com sete participantes fixos, sendo cinco homens e duas mulheres.

Importa ressaltar que os participantes são enquadrados no perfil do público-alvo da modalidade de CAPS III, caracterizado pelo atendimento de pessoas adultas com transtornos mentais severos e crônicos. Todavia, como seguimos os pressupostos da Psicologia Social Comunitária, não nos preocupamos com os diagnósticos clínicos dos usuários, tampouco nossa intervenção teve caráter terapêutico estrito, seguindo os princípios indicados no manual de referências técnicas para atuação de psicólogos nos CAPS, que recomenda uma prática inventiva, desinstitucionalizadora, em que a hospitalidade e a intervenção criativa e singular propiciem contorno ao sofrimento psíquico e garanta concretamente a assunção de sujeitos de direitos (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013).

Além dos usuários, participaram das oficinas a técnica do CAPS III responsável pelo grupo, no papel de observadora, e cinco estagiários de Psicologia, que atuavam como observadores e cofacilitadores. Vale informar que cada aluno executou um projeto de intervenção psicossocial próprio, a partir de um recurso artístico específico. Este artigo trata apenas das oficinas do projeto em que se utilizou o recurso da Contação de História.

As oficinas foram realizadas no mês de agosto de 2016, nas quartas-feiras, no horário das 15h30 às 16h30, aproximadamente. Foram planejadas em quatro etapas distintas, conectadas e subsequentes, segundo os parâmetros sugeridos para as *oficinas criativas em Arteterapia* (ALLESSANDRINI, 2004).

Na 1ª etapa das oficinas, que correspondia à “*sensibilização*”, propôs-se a Contação de Histórias. A história da primeira oficina foi escolhida pela facilitadora e as seguintes, pelos usuários participantes que se propusessem à tarefa. Buscava-se, após a contação,

apreender a compreensão do grupo sobre a história contada, através de breves rodas de conversa. Foi incluído no planejamento, ainda, o recurso a outras *metodologias participativas*, considerando a possibilidade de alguns dos usuários participantes do grupo não aderirem à proposta de se responsabilizarem pela contação de histórias.

Na 2ª etapa, o momento de “*expressão livre*”, foram propostas atividades de expressão artística como: pintura, desenho, colagem, encenação, entre outros, para que representassem livremente o que foi apreendido nas histórias. Como segunda alternativa, nas oficinas em que não foi possível haver a contação de histórias, era escolhida outra metodologia participativa no intuito de estimular, de forma artística, a expressão dos sentimentos e reflexões a respeito dos processos vivenciados na etapa anterior.

Na 3ª etapa, momento de “*transposição da linguagem não-verbal para verbal*”, foram feitas discussões acerca do que foi produzido na etapa anterior, procurando articular com o tema e objetivos propostos para a oficina. Essa etapa permitiu reflexões e construção de novos significados sobre os temas.

Na 4ª e última etapa, correspondente à “*avaliação*”, utilizou-se a técnica denominada de “*Círculo de Energia*”. Essa técnica tinha como objetivo obter a avaliação do grupo, bem como finalizar a oficina. Assim, todos os participantes davam-se às mãos e por meio de uma palavra, ou frase, verso, gesto, trecho de música etc., expressavam o que a oficina havia representado para eles.

Os temas trabalhados em cada oficina foram escolhidos pela facilitadora, a partir da observação dos processos grupais característicos da dinâmica daquele grupo, percebidos ao longo de um ano e dois meses de observação, no acompanhamento das oficinas regulares do grupo. Os temas trabalhados foram: 1. respeito às diferenças; 2. emoções e sentimentos; 3. resolução de conflitos; 4. medos e esperanças; 5. direitos e cidadania.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio pensou-se que em cada oficina poderia ser trazida uma história a ser contada por um dos integrantes do Grupo Arco-íris, a fim de possibilitar sua inclusão ativa no processo de construção do projeto, bem como permitir a livre eleição das temáticas de suas preferências e interesse pessoal, a serem compartilhadas e ressignificadas no grupo. Todavia, a inserção da contação de história nas oficinas adquiriu nova formatação, considerando que apenas dois dos usuários assumiram e cumpriram o compromisso de trazer uma história para contar. Outro usuário comprometeu-se, porém, em duas oportunidades, não cumpriu a tarefa,

chegando com considerável atraso às oficinas. Os demais mostraram-se intimidados, declarando que preferiam que as histórias fossem construídas dentro das próprias oficinas, o que foi respeitado.

Nesta seção buscou-se apresentar cada oficina realizada e, em seguida, tecer discussões acerca dos resultados obtidos.

3.1 Oficina 1: Respeito às diferenças

A oficina, intitulada “Cada um é de um jeito”, teve como tema o respeito às diferenças, com o objetivo de despertar o respeito mútuo, a solidariedade e sentimento de pertença grupal. O tema foi escolhido devido a conflitos anteriores ocorridos no grupo. A proposta foi buscar reduzir as tensões formadas no processo grupal, despertando a implicação pessoal de cada um na construção do respeito mútuo. No primeiro momento foi realizado, como atividade de *sensibilização*, o exercício “Batata-quente”³ (SILVA, 2002, p. 256), a partir das frases: “*Para mim, respeito é...*”, “*Sinto-me desrespeitado quando...*”, “*Eu respeito quando...*”, “*Eu não respeito quando...*”, “*A partir do que eu entendo por respeito, como eu quero ser tratado...*”⁴. Os usuários destacaram a importância de direcionar ao outro o mesmo tratamento que gostariam de receber e os diferentes ambientes em que deve haver respeito (casa, vizinhança, rua, hospitais, ônibus, filas etc.).

No segundo momento foi realizada a contação da história “O patinho feio”, pela facilitadora. A escolha da história foi feita com o objetivo de promover a ressignificação do lugar social do “diferente” e, conseqüentemente, “do louco” e da identidade dos usuários. O recurso lúdico utilizado foi um conjunto de peças ilustradas, representativas de cenas, personagens e cenários, previamente confeccionadas pela facilitadora, que iniciou a atividade com a expressão clássica: “Era uma vez...”, recurso utilizado na Literatura e na arte da Contação de Histórias para marcar a separação entre o real e o ficcional. Ao comentarem sobre a história, surgiram falas como: “a mãe ficava triste”; “era um patinho normal. (...) queria ficar junto com os outros”; “não se deve julgar pela aparência”; “acontece, às vezes, em famílias, de haver tratamentos diferenciados”; “não queria mais sofrer, (...) é importante

³Enquanto a música estivesse tocando, eles passariam a bola de um para o outro, estando posicionados em círculo; no momento em que a música fosse pausada, quem estivesse com a bola em mãos responderia à questão lançada no início da rodada; a questão seria repetida enquanto a música estivesse tocando e eles deveriam pensar na resposta enquanto isso.

⁴Essa última questão foi inserida de improviso pela facilitadora, a partir das respostas obtidas nas questões anteriores, a fim de levar os participantes a refletirem sobre o respeito em dimensão prática, atitudinal, que incide sobre si e sobre os outros, assim como da coletividade, como ação social.

ter mais carinho, mais amor”; “foi bom falar sobre isso, (...) que é bom saber que é normal ser diferente”; “há muita gente bonita nesse mundo, mas que não se dá valor, porque é tachada pelas diferenças. Mas a beleza do ser humano está nas imperfeições. Essa é a graça, todos nós somos seres particulares”; “respeito é bom, mas que existe preconceito, que as pessoas não respeitam quem trabalha no lixo” (este usuário trabalha como gari do município), “há preconceito em relação ao modo como as pessoas se vestem ou agem diferente”.

Em seguida, como atividade de *expressão livre*, a facilitadora propôs que fossem confeccionados cartões, por meio de desenho, pintura e colagem, expressando o que sentiram e refletiram. A atividade foi realizada por todos com dedicação e contentamento, em clima descontraído e cooperativo, entre usuários e estagiários, não ocorrendo interações conflituosas nesse momento.

Depois, correspondendo à terceira etapa, da *transposição da linguagem não-verbal para verbal*, pediu-se que todos mostrassem e explicassem sua produção ao grupo. Nas pinturas e colagens, apareceram elementos relativos ao estilo pessoal, representativas da esperança, amor, paz, bem como referências ao amor de Jesus e fidelidade divina, como fatores provavelmente associados ao respeito mútuo. Na apresentação de seus cartões, foi possível identificar trechos interessantes como: “um coração, que é a esperança, o amor”; “Deus é fiel”; “Muita paz”; “o amor maior, o amor de Jesus”; “os que amam, e os que não amam, rock, punk, música, seja lá o que for”; “um clamor, porque em todos nós há um clamor, há um grito”; “fiz uma casa e umas bonequinhas, que ofereço ao CAPS”; “simplicidade, que é uma obrigação moral, valores ensinados para serem vividos. Que hoje tudo é gasto!”.

Para finalizar, no *círculo de energia*, perguntou-se aos participantes que emoção ou sentimento poderia representar a vivência dessa oficina, ao quederam as seguintes respostas: “alegria”, “carinhosa”, “surpresa e ansiedade”, “comunicação”, “algo que poucas pessoas se ocupam em exercitar, a boa e velha paixão pelo que faz”. Tais respostas pareceram indicar sentimentos emergidos da percepção das estratégias utilizadas para promover reflexões acerca dos temas abordados, seja na discussão sobre respeito, observando a própria dinâmica grupal, em que apontaram à constatação de que as pessoas, incluindo a nós mesmos, ainda exercitam pouco tal valor, bem como sobre o lugar social do “diferente”, “do louco” e da identidade dos usuários nesse contexto, pontos nodais na realidade vivencial dos participantes, tanto intra como extragrupal.

Importante destacar que, na discussão inicial, realizada logo após o exercício “Batata-quente”, justamente sobre respeito, houveram momentos em que foi preciso chamar a atenção

de um dos usuários para respeitar o espaço de fala do outro e da reflexão coletiva, pois, recorrentemente, ele colocava-se, verbal e gestualmente, em posição depreciativa em relação aos comentários de alguns participantes, sobretudo de um deles, de quem declara que não simpatiza. Este, de sua parte, sempre procura estabelecer comunicação e vínculo positivo com todos, mesmo com aquele que o antagoniza. Isso não consiste em fato novo, é questão recorrente no processo grupal, que causa incômodo coletivo, todavia é relevante porque desvela aspectos da historicidade do grupo, como indica Lane (1984). Assim, a partir da ciência desse fator, tomando o conflito como algo importante a ser considerado no processo grupal, foi que se optou por trabalhar a questão logo na primeira oficina deste projeto de intervenção.

Trabalhar conflitos em um grupo formado há muito tempo, como é o caso deste, é desafiador, porém imprescindível, uma vez que, na perspectiva de processos grupais, o grupo não se restringe a reunião de pessoas que compartilham regras e objetivos comuns, para além disso, considera-se o grupo enquanto estrutura social, uma realidade total que envolve vínculos e relação de interdependência entre os membros. Assim, o processo grupal, como qualquer vivência humana, envolve relações de poder e de práticas compartilhadas que, ao serem efetuadas, desenvolvem a sua própria identidade, tanto intra como intergrupos. (LANE, 1984; MARTINS, 2007).

Vale salientar o fato de alguns participantes conseguirem abandonar a atitude passiva costumeira para se posicionarem ativamente dentro do grupo. Essa nova postura pode indicar possíveis mudanças em suas identidades, na medida em que representa uma atitude mais autônoma, evidenciando a característica metamorfose da nossa identidade, sempre em franco processo de transformação e expansão, a partir do aprendizado e das ressignificações decorrentes das experiências vividas (CIAMPA, 2001; PAIVA, 2007).

A dimensão afetiva revelou-se de diferentes formas: quando falaram da exclusão do “patinho feio”, quando foi oferecido o cartão produzido ao CAPS quando falaram do que desejam para suas vidas. Alguns comentários ressaltam processos discriminatórios e de exclusão: quando comentam sobre os julgamentos das pessoas, o tratamento diferenciado na família ou o medo de sofrer. Nesse sentido, a dor da exclusão, um sofrimento ético-político (SAWAIA, 1999) provavelmente sentido pela maioria, revela-se a partir da história contada.

Contudo, os usuários conseguiram problematizar o lugar que a sociedade lhes atribuiu e falar de sentimentos que emergem a partir disso. A beleza foi refletida para além de critérios puramente estéticos, propiciando colocações que revelam traços de sofrimento psíquico em relação aos estigmas sociais e seus efeitos. Dessa forma, o recurso artístico demonstrou seu

potencial como um “poderoso canal de expressão da subjetividade humana”, capaz de “trazer nova organização psíquica ao indivíduo, considerando que oportuniza a vivência indireta de emoções, sentimentos e relações sociais” (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 30-31).

Os participantes também ressaltaram o amor, a esperança, a paz, a religião. Tais sentimentos parecem minizar a dor vivenciada. No que diz respeito à dimensão religiosa, as igrejas assumem papel de destaque, por prometerem solução para problemas corriqueiros, atenderem às necessidades apresentadas, apontarem sentido para a vida e certa ideia de controle sobre o presente e o futuro, acolhendo e protegendo os fiéis, sobretudo as neopentecostais, caso das correntes seguidas pelos usuários em questão. Assim sendo, dadas as fragilidades do contexto em que se dá o sistema de saúde brasileiro, as igrejas encontram espaço para atuar consideravelmente no campo da saúde, especialmente da saúde mental, ofertando inclusive serviços de proposta terapêutica, a exemplo das sessões de cura. (HENRIQUES; FIGUEIREDO; OLIVEIRA FILHO, 2017).

De um modo geral, pode-se dizer que houve engajamento nas atividades e posicionamentos pessoais nem sempre observados no grupo. Dessa forma, percebeu-se que gostaram de falar sobre respeito, talvez porque reconhecessem como necessidade grupal, como também da oportunidade de expressarem abertamente seus pensamentos, sentimentos e posicionamentos.

3.2 Oficina 2: Identidade e Solidariedade

Esta oficina teve como objetivo despertar a expressão do autoconceito e ressaltar o valor da solidariedade mediante diferenças individuais. Ela foi motivada pelos apontamentos feitos pelos membros do grupo a partir da história “O patinho feio”, que fez considerar a importância de refletir questões relacionadas à identidade e a solidariedade no grupo, que implicam diretamente no respeito às diferenças. A história ficou sob a responsabilidade de um dos usuários e girou em torno do personagem Sr. Tacanha, cujo mote era a ganância e a exploração capitalista. Em seguida, houve uma breve discussão, articulando a história com o tema da oficina, em que as colocações feitas pelos usuários foram alusivas à ganância, injustiça social, exploração e assédio moral no trabalho.

Depois, para a *sensibilização*, aplicou-se a técnica participativa “A teia”⁵, adaptada do exercício “Batata-quente” (SILVA, 2002, p. 256), com o objetivo de trabalhar a percepção

⁵ Foi passado um novelo de lã entre os participantes do grupo, de um ao outro, segundo a escolha de cada um, pedindo que quem recebesse o novelo se apresentasse, dando uma breve descrição de si. No final, enfocou-se a

sobre as pertencas grupais e a importância da solidariedade frente às diferenças individuais. Ao serem perguntados sobre o motivo desta técnica, destacou-se a fala de um participante quando atentou: “estamos ligados uns aos outros”. Nesse momento, o facilitador ressaltou que o grupo forma uma teia, uma rede, e, embora cada um seja único, todos encontram-se interligados uns aos outros.

Como atividade de *expressão livre*, foi pedido que escolhessem, para colorir, uma das imagens vazadas, trazidas pela facilitadora, que foram espalhadas sobre as mesas. Estas apresentavam figuras de pessoas em faixas etárias distintas, executando atividades cotidianas diversas. As figuras foram usadas no intuito de estimular o reconhecimento das próprias características e potencialidades, bem como o desenvolvimento de novos processos identitários.

Depois que terminaram de colorir, na etapa de *transposição da linguagem não-verbal para verbal*, pediu-se para cada um dizer porque escolheu aquela determinada figura e o que ela representava de si. Nessa etapa, houve o desentendimento entre alguns dos usuários, decorrente da atitude desrespeitosa de dois deles em relação a um terceiro usuário, que acabou não se contendo emocionalmente, tendo elevado o tom de voz ao reclamar da atitude dos colegas, ao mesmo tempo em que rasgava a figura que havia pintado, atirando-a no chão e retirando-se da sala, o que gerou comoção no grupo.

Todavia, a intercorrência não invalidou o prosseguimento da oficina, sendo o evento e as peculiaridades dos fatores desencadeantes aproveitados para reflexão grupal, abrindo-se espaço para que todos se posicionassem em relação aos comportamentos uns dos outros, verbalizando o que pensavam e sentiam. A reflexão grupal retirou o foco das culpabilizações pessoais para a compreensão de que os conflitos se forjam no contínuo das interações inter e intragrupais, de modo que todos os envolvidos contribuem, de alguma forma, para tais resultados, sendo, portanto, corresponsáveis pelos acontecimentos. Um dos usuários ressaltou: “também não gosto quando riem de mim”, posicionando-se assertivamente diante do caso, em uma atitude não vista antes, no decorrer de um ano e dois meses de observação e convívio com o grupo.

Por fim, no “*Círculo de energia*”, etapa avaliativa, pediu-se que os participantes dissessem o que acharam da oficina, apontando pontos positivos e negativos. Os comentários foram: “o positivo foi a reflexão e, para mim, não houve nada negativo”; “tudo foi positivo, não houve nada negativo”; “positivo foi a alegria e negativo nada, foi tudo bom, tudo

teia formada pelo entrecruzar da linha, destacando que somos sujeitos individuais, mas formamos redes de solidariedade.

positivo”; “o ponto negativo foi o descontrole emocional (...) o positivo foi a lição valiosa que todos aprenderam, que não se deve „caçar dos outros“ (...), pois todos nós somos apenas seres humanos limitados”; “o negativo foi o nervosismo e o positivo é que foi positivo”.

Diante disso, observa-se que esse desentendimento contribuiu para o aprendizado grupal e pôde ser articulado ao objetivo da oficina: despertar nos participantes a importância da autopercepção e da solidariedade. Além de consistir em clara vivência de enfrentamento e resolução de conflitos, incentivou a conscientização e o empoderamento, como ilustra a colocação feita por um dos usuários, de que também não gosta quando riem dele, posicionando-se assertivamente em solidariedade ao participante desrespeitado. Desse modo, essa interveniência possibilitou refletir que, nas atividades realizadas, sejam quais forem, é imprescindível o repensar das próprias ações, dos sentidos pessoais conferidos às palavras e atos, confrontando-os com as consequências forjadas na atividade grupal.

Nesse bojo, pôde-se destacar como a consciência individual conjuga a consciência de si e a social, uma vez que a vivência subjetiva e as determinações concretas do processo grupal engendram-se reciprocamente ao longo do processo, contribuindo à superação do individualismo em função do desenvolvimento da consciência social e da autonomia de seus integrantes, na relação de interdependência entre as categorias atividade, consciência e afetividade, bem como entre solidariedade e autonomia. (LANE, 1984; MARTINS, 2007).

Percebeu-se referência a processos de exclusão, tanto na temática da história contada pelo usuário, marcadamente no campo das relações sociais de dominação/exploração de cunho capitalista, personificadas na figura do mau patrão, quanto ressaltada no sofrimento psíquico expressado pelo usuário, no âmbito da intercorrência já mencionada, decorrente da intersubjetividade socialmente atravessada no processo grupal, que pode afetar os membros do grupo de forma destrutiva ou construtiva, promovendo ou bloqueando o crescimento humano e social (SAWAIA, 1999). Nesse sentido, destaca-se o potencial do trabalho da Psicologia Social Comunitária com grupos pequenos, pois sabendo-se manejar o poder democraticamente, respeitando o espaço de poder uns dos outros, consegue-se uma atuação, de fato, transformadora (LANE, 1984; MARTINS, 2007).

3.3 Oficina 3: Resolução de conflitos

Esta oficina teve o objetivo de despertar nos participantes a importância da comunicação e assertividade na resolução de conflitos. Foi motivada pela situação conflitiva que ocorreu na oficina anterior. Devido a tal intercorrência, não foi combinado com os

usuários a história a ser contada, sendo então proposto que eles mesmos criassem e apresentassem histórias.

Considerando características peculiares a alguns dos membros do grupo, mais suscetíveis à ansiedade em situações estressoras e que se mostraram intimidados quando a proposta da contação de histórias, tomou-se o cuidado de lhes incumbir da tarefa de modo sutil, recorrendo-se a uma das estratégias das metodologias participativas: o role-play. Este consiste em um exercício de encenação, em que os próprios participantes concebem roteiro, personagens, elementos cênicos e dramatizam a história, oportunizando a possibilidade de apreender e ressignificar lugares e relações sociais, bem como posições subjetivas (SILVA, 2002).

Assim, para a *sensibilização*, foi realizado o exercício referente à oficina Comunicação e Assertividade - Resolução de conflitos⁶ (SILVA, 2002), a que seguiu-se, imediatamente, a etapa da expressão livre. Pediu-se aos participantes que formassem dois subgrupos, que listassem e conversassem sobre as questões levantadas no exercício anterior e escolhessem uma situação conflitiva e uma solução possível para a mesma, a ser apresentada através do role-play. A atividade de *expressão livre* foi realizada também já na encenação.

As histórias contadas partiram das questões lançadas no exercício de sensibilização. Uma delas baseou-se no caso de uma amiga que pede a pulseira emprestada a outra, mas não a devolve e vende a um conhecido porque estava precisando de dinheiro; a amiga estranha o sumiço da outra e decide procurá-la, mas encontra um conhecido e reconhece sua pulseira com ele, fazendo com que confessasse o negócio. Esta vai ao encontro da amiga e questiona sua atitude, dizendo que não precisava agir daquela forma, bastava ter sido sincera quanto a sua situação financeira, que ela teria ajudado. A amiga pede desculpas e se compromete a fazer diferente dali em diante e a história finaliza com um abraço. A segunda história tratava de dois amigos, em que um emprestava um livro ao outro, sendo que este era da biblioteca e teria que ser devolvido no dia seguinte. Ao fazê-lo, o bibliotecário nota a falta do cartão de registro de empréstimo do livro e pede que o rapaz vá buscá-lo em tempo hábil para não ser

⁶ Os participantes foram convidados a andar nas direções que desejarem, dentro de um perímetro circular, no pátio externo. Pediu-se que procurassem relaxar, respirando fundo e lentamente, esticando e flexionando os braços, girando pescoço e cabeça em ambas as direções. Quando a descontração foi perceptível, pediu-se que pensassem em situações cotidianas, corriqueiras, mas que inspiravam dificuldades de resolução, por medo de má interpretação e desconsideração das pessoas. Em seguida, enquanto os participantes continuavam andando, a facilitadora lançava exemplos de situações como perguntas a serem refletidas: Como cobrar alguém por algo com que se comprometeu e não cumpriu? Como fazer quando alguém pede sua opinião e esta não corresponde ao que você acha que agradaria a pessoa? Como fazer quando ocorrem situações em que seus pontos fracos ficam expostos? Como fazer quando sente que seus limites são ultrapassados?

cobrada multa. Como o rapaz extrapolou um minuto do prazo, a multa foi cobrada com rigor, em meio ao tratamento antipático do bibliotecário.

A partir dessas histórias, contadas pelos usuários, no momento da *transposição da linguagem não-verbal para verbal*, fez-se uma discussão em que se questionou comentários críticos em relação à postura do bibliotecário, considerado, de modo geral, como desnecessária, rígida e antipática. Em relação à primeira história, foi dito que não venderiam a pulseira emprestada por uma amiga. Para fechar a etapa, destacou-se o fato da contação de história ter sido feita por eles mesmos, através da construção do enredo e da encenação. Eles demonstraram surpresa, contentamento e satisfação por terem realizado a tarefa, e até mais, por isso ter ocorrido sem que se dessem conta. Neste ensejo, foi enfatizada a capacidade criativa do grupo e o potencial que cada um possui, bem como a riqueza das histórias que eles construíram e contaram.

Para a *avaliação*, pediu-se que cada participante desenhasse uma carinha, em pratinhos descartáveis de cores distintas, que foram disponibilizados para escolha. Depois, que dissessem o que as carinhas expressavam. Daí, surgiram os comentários: “o ponto negativo é a questão do tempo”; “desenhei uma carinha alegre, com um balãozinho representando pensamento, porque achei importante e estou feliz pelas reflexões que estou podendo fazer”; “desenhei uma carinha com a expressão pensativa porque estou gostando das reflexões, que estou levando para pensar em casa”; “gostei muito, porque estamos tendo uma oportunidade rara de aprender muito sobre a vida e que isso deveria ser levado mais a sério por quem é responsável pela educação”.

Os usuários expressaram receptividade às novas estratégias metodológicas participativas, mesmo com o caráter mais denso e prolongado das discussões. A possibilidade de diálogo e reflexão abertos e horizontais promoveram encanto e engajamento, ficando notória a satisfação dos participantes no prazer vivenciado na construção das histórias e descoberta da potencialidade para tal, uma vez que todos somos atores sociais, construtores da vida, aptos à protagonizar as mudanças que queremos no mundo, conforme acenam Freire (2013) e Silva (2002).

Acredita-se que se a proposta é transformar um grupo, os recursos de arte tem possibilitado a ressignificação de sentimentos e a transformação de relações e vínculos comunitários, como indica Reis (2014). Neste sentido, destaca-se a importância da dimensão afetiva nos processos grupais, já que a atividade humana não é simplesmente cognitiva e intelectual, mas inclui a dimensão emocional, elemento constitutivo da consciência que, juntamente com a linguagem e o pensamento, atuam na produção de sentidos, uma vez que o

processo cognitivo não existe dissociado da emoção (AGUIAR, 2011; GUARESCHI, 2007). Nesse bojo pode-se ainda observar como a identidade social e a identidade pessoal são complementares, já que a inserção no grupo não descarta a singularidade e a história individual de cada um (PAIVA, 2007).

3.4 Oficina 4: Medos e Esperanças

Esta oficina teve como objetivo despertar a importância da atividade e consciência na construção de nossa identidade e da realidade em que vivemos. Foi motivada a partir de apontamentos feitos pelos membros do grupo a respeito da importância do trabalho em suas vidas ou do sonho de realização profissional, que foram observadas no decorrer do desenvolvimento de outros projetos acompanhados, e, mais precisamente na oficina 2 deste projeto de intervenção, em que trabalhamos a importância da autopercepção na construção da solidariedade.

A contação da história foi feita por uma usuária a partir da parábola bíblica “O bom samaritano”, que usou como recurso lúdico quatro cenas-chaves desenhadas e coloridas por ela mesma, cada uma em uma folha de ofício, que eram passadas na medida em que o enredo desenrolava-se. Em seguida, houve uma breve discussão acerca da história para se obter o feedback do grupo e articulá-la com o tema da oficina. Um usuário ressaltou que o tema da história era: “devemos fazer o bem, sem olhar a quem” e os comentários dos demais usuários giraram em torno disso.

Na etapa de *sensibilização* foi realizado o exercício “Aquecimento” (SILVA, 2002), em que se pediu que formassem subgrupos. Para tal, solicitou-se aos cofacilitadores que se juntassem a cada um destes, no intuito de estimular a conversa. Em seguida pediu-se que os participantes apontassem seus medos e esperanças. Eles foram registrados em colunas traçadas numa cartolina previamente afixada na parede.

Em relação aos medos, surgiram comentários alinhados a uma perspectiva mais abrangente, para além de questões mais concretas ou materiais, como: medo de perder tudo, de perder a mãe, de não evoluir como pessoa, de não conseguir continuar com a vida, de perder a saúde, de morrer, de se tornar um “peso” para as pessoas, de perder a “salvação”, da forma de morrer, de envelhecer, de ser esquecido; bem como a tônica em questões mais ligadas ao âmbito concreto como: medo de sapo, rato, cobra, assalto, altura, “levar carreira de bandidos”, de escuro, de sentir dor, de pesadelo.

Em relação às esperanças, surgiram comentários ligados à atividade profissional, demonstrando o desejo de reinserção social, como também ligados à espiritualidade, à fé e religião: “ter vigor e força para enfrentar a vida”; “poder trabalhar, viajar, conhecer novos lugares”; “ter descanso e emprego melhor, sem estresse, sem „levar carão””; “poder cuidar de crianças, de bebês”; “ter carro”; “ganhar casa com os „troços” dentro e morar com o irmão”; “poder criar gatos e cachorros, animais que não dão medo”; “ser uma pessoa melhor”; “ter a família sempre por perto”; “ter fé”; “encontrar os entes queridos e Cristo na vida eterna”; “poderviver vida de salvo”.

Em seguida, na etapa de *expressão livre*, foi pedido aos participantes que escolhessem recortes de revistas, que foram espalhados sobre as mesas, cujas imagens representassem seus medos e esperanças, para fazerem colagens em folhas de ofício. Cada colagem contou com um recorte relativo aos medos e outro às esperanças. Depois, na transposição da linguagem não-verbal para verbal: pediu-se que os participantes mostrassem suas colagens, dizendo o que representava para si. Na apresentação das imagens escolhidas surgiram falas marcantes como: “medo de ficar sozinha, sem ninguém, da depressão”; “medo porque não sei ler e tinha medo da professora perguntar e eu não saber responder, também de não conseguir um trabalho melhor por causa disso” e esperança “de ler”; “o „negócio” (báu) que ela „tá” carregando, é o medo”, e a esperança “de ler”; “medo e esperança são duas faces da mesma moeda”; “fazem parte de meu dia-a-dia, sempre me acompanhando, medo do que se vê e não vê, mas também a fé, que seria a esperança naquilo que não se vê (outra alusão religiosa)”.

Na discussão subsequente, na *transposição da linguagem não-verbal para verbal*, destacaram-se os comentários: “o medo é uma coisa abstrata, (...), já a esperança, pode ser distorcida, dependendo do ponto de vista”; “sentir medo é normal, mas tem que ter cuidado no tamanho desse medo, porque se ele for grande, pode dominar, pode atrapalhar a vida, por medo de arriscar... algum trabalho, por exemplo, e perder muitas oportunidades”; “também é importante a esperança que as pessoas depositam na gente, por mais que seja superficial, ficam contentes quando a gente faz avanços, progresso, evolução, (...) familiares, amigos, vizinhos, mesmo o pessoal do CAPS, que fica feliz quando a gente consegue trabalho, ficar bem com a família, casar”; “as pessoas fazem chacota em relação ao que alguém aparenta, porque estética é muita valorizada, hoje em dia, na nossa sociedade, que exige formas padronizadas em torno da beleza plástica, (...) tenho esperança que isso mude, pois ninguém é igual a ninguém, que essa exigência caia de vez e as pessoas se aceitem como são”, “a sociedade é como uma engrenagem, se uma peça emperra, todo funcionamento é prejudicado”.

No “*Círculo de energia*”, etapa avaliativa, pediu-se que os participantes dissessem o que acharam da oficina, pontos positivos e negativos. As respostas giraram novamente em torno da alegria, da satisfação com a metodologia e da oportunidade de poder refletir.

Nessa oficina, merece destaque a riqueza e vastidão da dimensão cognitiva demonstrada pelos usuários, bem como a consciência de si e das experiências vividas, que indicaram acentuada capacidade de abstração e percepção da realidade, contrariando os estereótipos e engessamento pautados nos rótulos psicopatológicos. Suas colocações expressaram reflexão e elaboração das próprias emoções e sentimentos, com a noção de que fazem parte da experiência humana e de que o modo como tais experiências são apreendidas e vividas delineiam o rumo que a vida de cada um segue, como visto em suas pontuações sobre medos e esperança, a partir da atividade de sensibilização e da colagem na expressão livre.

Isso assume grande relevância porque aponta para o potencial “terapêutico” da intervenção psicossocial, no campo da Saúde Mental. Apresenta-se, portanto, um espaço profícuo de trabalho para o psicólogo social, cujo propósito, transpondo a perspectiva estritamente clínica, consiste em contribuir à promoção de saúde, buscando levar sujeitos e grupos à apropriação de sua autonomia e empoderamento pessoal e grupal, pela compreensão de seu potencial ativo na construção da realidade e de sua qualidade de vida.

Essa perspectiva, vai ao encontro do que é preconizado pela Reforma Psiquiátrica, no sentido da desconstrução epistemológica do conceito de clínica, bem como da reconfiguração do lugar social da loucura, em que a desinstitucionalização consiste na retomada subjetiva da pessoa, que passa a ser protagonista em seu projeto terapêutico, a partir do saber construído na própria experiência no lugar de “louco”. Neste contexto, importa o movimento ético-político de retirar a ênfase da “doença” e focalizar o sujeito em suas potencialidades de realização subjetivas e sociais. (AMARANTE, 2003).

Essa proposta convoca ao reposicionamento dos objetivos da cura, ao abranger o bem-estar global do sujeito, justamente no trânsito do lugar de passividade e alienação à família e sociedade, que lhe tem sido historicamente imposto, ao da responsabilização por si e pelo empreendimento de um novo delineamento existencial (VENTURINI, 2010). Lussi et al. (2006) ratificam esta perspectiva, atentando que cabe à equipe técnica incluir esse sujeito no processo de construção de novas expressões de autonomia e reabilitação, em meio a própria gama de relações estabelecidas em seu contexto vivencial, comunitário e territorial, possibilitando estabilização e independência suficientes aos próprios cuidados e ressocialização.

3.5 Oficina 5: Direitos e Cidadania

A oficina teve como objetivo promover reflexão sobre os direitos dos cidadãos e o exercício da cidadania, no intuito de viabilizar a conscientização acerca da responsabilidade social e direitos de cada um. Nesse sentido, buscava-se, também, minimizar a condição de alienação e opressão historicamente imposta a esses sujeitos, através do estímulo à autonomia e protagonismo como sujeitos sociais. A contação da história, que havia ficado sob a responsabilidade de um usuário, não aconteceu, uma vez que ele se atrasou. Nesse caso, deu-se seguimento à oficina com a *atividade de sensibilização*: o exercício participativo “Somos nós que fazemos a vida” (MATTA, 2009), que enfoca a formação para a cidadania.

Posteriormente tocou-se a música “O que, o que é?”, de Gonzaguinha, pedindo que os participantes circulassem pela sala, em silêncio, pensando em fatores que considerassem que ameaçavam suas vidas, como violência, doenças, trânsito etc. Em seguida, pediu-se que continuassem caminhando, falando em voz alta como se sentiam diante dessas ameaças. Então, a música foi pausada e pediu-se que os participantes expressassem com o corpo esses sentimentos: medo, cansaço, tristeza, decepção, raiva, indiferença, pavor, etc, e foi pedido para permanecerem paralisados como estátuas e repetirem o verso da música: “Somos nós que fazemos a vida, como der, ou puder, ou quiser”. Logo após, pediu-se que escolhessem e expressassem gestualmente a atitude de permanecer paralisado ou deixar de sacudir o corpo, dizendo, em alta voz, o que desejam da vida: fosse paz, dignidade, alegria, amor etc.

Em seguida, já de volta a seus lugares, pediu-se que fizessem silêncio, enquanto ouviam novamente a música tocada baixinho, procurando pensar sobre o que ela dizia. A seguir, colocou-se novamente a música para tocar, aumentando o volume e convidando todos a cantarem com entusiasmo. Por fim, foram lidos os artigos 1º, 3º e 5º da Constituição Federativa do Brasil/1988 e lançado o questionamento acerca do que o teor destes teria a ver com o exercício.

Os comentários refletiram posicionamento otimista diante da realidade, como: “apesar das dificuldades a vida é boa”; “a vida é a realidade e tem que seguir e viver”; “acredite, vá levando a vida, tente viver”. Também apontaram questões sociais concretas, como: “educação é tudo, (...) é importante”; “pensei na violência também”; “em como ia ser no futuro”; “pensei na questão do medo de sair de casa, sobretudo à noite, na falta de segurança”. Surgiram, ainda, comentários de cunho crítico, como: “os direitos que estão na lei, estão ali para que a gente mesmo alcance, os representantes são eleitos através de nossa escolha”; “o caminho a ser percorrido é longo ainda, querendo ou não, nosso país ainda não

está desenvolvido”; “antigamente educação era prioridade, mas, hoje em dia, a educação está entregue às moscas”; “a Constituição é uma ideia romântica, não se cumpre nada do que está escrito aí”; “índios ainda são considerados primitivos, nunca se viu um índio no poder”. Alguns comentários provocaram reflexões em outros usuários, em que merece destaque a fala: “poucas pessoas, hoje, gostam de ler livros, fico besta com isso, como tem gente que não tem tempo de ler um livro, mas perde tanto fixado em um aparelho celular”, ao que uma usuária completou, dizendo: “o que ele disse fez pensar em mim, pois vivo muito na internet, rede social, televisão... no comodismo”.

A atividade de *expressão livre* teve como disparador os artigos 1º, 3º e 5º da Constituição Federativa do Brasil/1988, em que foi proposta a produção de um “Mural da paz” (Matta, 2009). O grupo compôs o mural a partir do que entendeu em relação a direitos e cidadania, de acordo com os artigos da Constituição e do que foi vivenciado no exercício de sensibilização. Cada participante produziu uma parte do mural, correspondente a uma das cartolinas afixadas na parede lado a lado uma da outra, assim compondo o mural coletivo. Foi utilizada pintura com tinta guache.

Na etapa da transposição da linguagem não-verbal para verbal, pediu-se que os participantes dissessem o que sua pintura representava, atribuindo-lhe uma frase. Um dos usuários pintou traços desencontrados no vazio, que ele disse representar incompletude porque “se os direitos constitucionais funcionassem de verdade, o Brasil não seria essa bagunça que é” e sua frase foi: “Penso, logo existo”. Um segundo participante pintou uma cédula de dinheiro com uma carinha de expressão feliz ao lado, abaixo, a bandeira nacional com uma carinha expressando tristeza ao lado, logo abaixo a frase: “Ordem e progresso ou desordem e regresso?”, disse que representava “as pessoas que só pensam em dinheiro e aquelas que pensavam no país, pois enquanto uns riem, outros choram”, sua frase foi: “Brasil, um país de todos” (slogan do governo Lula). Outro participante pintou um homem por trás de um muro que encobria seu corpo, ficando à mostra apenas o rosto e as mãos, vegetação rasteira e um caminho no sopé do muro, com pedras dentro e fora do caminho, sua frase foi: “Tente, é preciso”. Ele disse que o muro representava os impedimentos para a conquista dos direitos, mas o caminho a ser percorrido estava ali e era preciso esforço em segui-lo, mesmo havendo pedras no caminho, pois nosso país ainda não estava desenvolvido. Já outro usuário pintou uma pessoa dançando junto a um aparelho de som, que representava procurar ser feliz apesar de tudo, sua frase foi: “A felicidade, o bem, o sonho, você realiza; nada é impossível, viva, acredite, vá levando a vida, tente viver”. Por fim, o quinto participante pintou as

palavras “Paz”, “Amor”, “Brasil” e “Deus é fiel”, sua frase foi: “Que os políticos pensem mais no Brasil”.

Na discussão subsequente, correspondente à etapa de *transposição da linguagem não-verbal para verbal*, também surgiram comentários surpreendentes como: “violência é algo que não para nunca”, “toda vez vem uma notícia pior na televisão, assim, a gente fica desacreditado da humanidade”, “não há necessidade de saber se a violência foi acerto de contas ou não, (...) esses detalhes só ajudam a espalhar o terror”, “de tudo que se vê na televisão, não há informações que sirvam para formar uma opinião boa”, “o que querem é faturar lucro às custas dos outros”, “as pessoas não refletem e seguem modelos da mídia, iludidos”; “vivemos a vida aos trancos e barrancos, há dias que não tem dinheiro nem pra mistura” (referindo-se à carne das refeições diárias), “fico encafifado, pensando que há pessoas que têm sorte, parece que nasceram viradas pra lua, em bercinho de ouro, não têm que calejar a mão na enxada”; “fico pensando na injustiça social”, “que a única coisa que acaba com a igualdade entre as pessoas é quando umas têm mais dinheiro do que as outras”, “que ficam andando por cima da carne seca, nem ligando se outras pessoas estão passando fome, necessidades... com o buchinho forrado, lavam a mão, não estão nem aí”; “tem pessoas que só pensam em dinheiro e as que pensam no país, e, enquanto uns riem, outros choram”.

No “*Círculo de energia*”, pediu-se que os participantes dissessem o que acharam da oficina. Destacaram-se as pontuações: “a oficina era como um barco, tinha que ser feito nas medidas certas, com o devido comprimento, senão o barco não flutuava, afundava”; “era como um grande barco em que todos navegavam juntos”; “foi bem construída, como um barco forte, bem certinho”; “a oficina foi muito bem elaborada”; “um barco sem furos, como foi já foi dito”.

As colocações feitas pelos usuários, ao longo da oficina, apontaram ao potencial de conscientização, mobilização e multiplicação existente no trabalho com grupos, segundo a proposta da Psicologia Social Comunitária, que se pauta justamente em intervenções voltadas ao desenvolvimento da conscientização e fomentação da compreensão grupal de seu papel ativo como sujeitos construtores da própria história, em que o psicólogo atua como um facilitador de processos, deveslando o saber e fortalecendo o empoderamento intrínsecos ao próprio grupo (CAMPOS, 2009). Tais colocações também reafirmam o que já foi observado na oficina anterior (oficina 4) quanto à capacidade de reflexão de vários usuários, que contraria os estereótipos reforçados pela nosografia psicopatológica.

Também pôde-se identificar discursos ideológicos que responsabilizam o sujeito pela sua felicidade e romantizam aspectos da vida cotidiana. Esse processo tem a participação dos meios de comunicação de massa, que busca manter a engrenagem mercadológica capitalista, ditando não apenas os itens de consumo concretos, mas também simbólicos, como conceitos e padrões estéticos, conforme aponta Chauí (1991). Nessa oficina, novamente aparece a ideia de sofrimento ético-político causado pelos processos de exclusão decorrentes da desigualdade e injustiça social, de que nos alerta Sawaia (1999).

Quanto aos processos grupais, merece ressaltar o efeito provocado por colocações críticas expressas por um dos participantes da oficina, em que se pôde observar autorreflexão desencadeada em outros, demonstrando que “nas relações entre indivíduos, pela participação entre eles, estes se transformam e transformam o grupo, produzindo o próprio grupo” (LANE, 1984, p. 89), uma vez que os significados socialmente construídos só podem ser apreendidos no cruzamento entre a história pessoal dos integrantes com a história da sociedade a que estes pertencem, e, nesse sentido, cada grupo desenvolve seu processo próprio, mediante suas condições concretas de vida e das características peculiares de seus membros (LANE, 1984; MARTINS, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, com o Grupo Arco-íris, alicerçou-se nos laços socioafetivos construídos ao longo de um ano e dois meses de convivência amistosa, fortalecida no “bom encontro” das nossas subjetividades, na horizontalidade das relações estabelecidas pela via respeitosa da dialogicidade. Nesse sentido, o caráter afetivo-vivencial do entrosamento do grupo, presente em todos os momentos de interação, consistiu em ponto forte à obtenção dos resultados satisfatórios para o projeto de intervenção, constatando-se o potencial construtivo do “bom encontro” e da ativação da “potência de vida” dos usuários, conforme.

Os espaços dialógicos abertos para discussão dos conteúdos mobilizados pelas atividades realizadas, em sentido horizontal e de liberdade para autonomia e protagonismo dos usuários, pareceram surtir resultados positivos, sugerindo bom aproveitamento reflexivo e socioafetivo, tanto em âmbito individual quanto grupal. Acredita-se que houve ampliação do repertório narrativo-discursivo dos participantes, repercutindo positivamente na ampliação das visões de mundo e dos padrões identitários e afetivos, tanto em termos subjetivos, considerando a singularidade de cada membro, quanto no contexto dos processos grupais.

A possibilidade de diálogo e reflexão abertos, diretos, horizontais, libertadores, também pareceram promover encanto e engajamento, clima em que se destacou a satisfação recíproca entre a facilitadora e os usuários participantes, no prazer vivenciado em descortinar o horizonte subjetivo e a realidade concreta, com o entendimento de que todos somos atores sociais, construtores da vida, aptos a protagonizar as mudanças que queremos no mundo.

Nessa perspectiva, foi priorizado o fomento da reflexão, da conscientização, da promoção de autonomia, cidadania e protagonismo social, compreendendo e acolhendo cada um dos usuários como sujeito capaz de ressignificar sua história e se imbuir da práxis transformadora da realidade social, como sujeitos da vocação do “ser mais”, capazes de se apropriarem de sua “potência de vida”, do “governo de si”, assumindo a corresponsabilização por seu cuidado.

Vale salientar que o recurso às metodologias participativas mostrou-se pertinente e proveitoso, potencializando a sensibilização, o engajamento e a capacidade reflexiva dos participantes. Pôde-se observar seu potencial de lastrear pensamento crítico e o desenvolvimento de valores em relação aos temas propostos, bem como o respeito às diferenças, o despertar para a importância da afetividade e a promoção da pertença grupal. Observou-se que favorece à emissão das opiniões próprias, fomentando a compreensão de que somos e nos sentimos às vezes iguais e noutras diferentes, dependendo das circunstâncias, e que é importante observar o quanto somos capazes ou não de conviver com as diferenças em função do bem individual e coletivo.

Cabe ainda ressaltar a riqueza da utilização dos recursos de arte como meio expressivo na Saúde Mental, no modo como são explorados nas intervenções psicossociais. Nesse contexto, também merece destaque o potencial estratégico da roda de conversa.

Por fim, importa mencionar ainda que foi possível observar nas falas, posturas e atitudes dos usuários, bem como nos processos grupais desencadeados que a intervenção obteve proveitosa repercussão no sentido de despertar, no seio do grupo, o anseio pelos quatro pilares para a construção da cultura de paz e justiça social propostos pela ONU/UNESCO⁷: “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a ser” e “aprender a viver junto”, diretrizes que foram campadas pela Educação Popular, e, sendo assim, também pela Psicologia Social Comunitária.

Nesse contexto, a intervenção psicossocial foi finalizada com o sentimento de gratificação pelas metas alcançadas e dever cumprido, tendo experimentado o valor e o

⁷(WANDERLEY, 2010).

potencial humanizantes das perspectivas da Reforma Psiquiátrica e da Psicologia Social Comunitária, que, agregadas, parecem ter seus potenciais de eficácia ampliados, sinalizando à aptidão a atingir os objetivos a que se propõem, cabendo ao psicólogo social o melhor uso dos recursos e estratégias de intervenção disponíveis à obtenção dos resultados desejados.

THE STORYTELLING AS AN EXPRESSIVE-REFLEXIVE RESOURCE IN MENTAL HEALTH: A PSYCHOSOCIAL INTERVENTION PROPOSAL

ABSTRACT

This experience report refers to the supervised internship practice in Social Psychology, carried out at the Centro de Atenção Psicossocial - CAPS III, in the city of Campina Grande / PB. The psychosocial intervention carried out aimed at promoting autonomy and stimulation of users' potential life, through the encouragement of co-responsibility in the construction of their quality of life and citizenship, creative and reflexive expressiveness and the strengthening of socio-affective relationships in the group context. In order to contemplate this objective, weekly workshops were held based on the theoretical contribution of Social Community Psychology. The methodological resources used were the Storytelling and other participatory methodologies, which encouraged the group's reflective dialogue. It is believed that there was an expansion of the narrative-discursive repertoire of the participants, positively affecting the development of the worldviews and the identity and affective arrangements, both in subjective terms, considering the singularity of each member, and in the context of group processes.

Keywords: Psychosocial Intervention. Mental Health. Participatory Methodologies. Storytelling.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda M. Junqueira. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. IN: **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. Ana Mercês Bahia Bock; Maria da Graça Marchina Gonçalves, Odair Furtado (orgs.). 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, pp. 95-110.

ALLESSANDRINI, Cristina. Dias. **Análise Microgenética da Oficina Criativa: Projeto de modelagem em argila**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ALMEIDA FILHO, Naomar de.; PAIM, Jairnilson Silva (Org.). Saúde coletiva como campo de saberes e práticas: abordagens e perspectivas. IN: **Saúde Coletiva: teoria e prática**. Rio de Janeiro: MedBook, 2014. pp. 41-45.

ÁLVARO, José Luis; GARRIDO, Alicia. **Psicologia Social: perspectivas psicológicas e**

sociológicas. FERNANDES, Miguel Cabrera. (Trad.). TORRES, Ana Raquel Rosas. (Rev.). São Paulo: McGraw-Hill, 2007.

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e atenção Psicossocial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

_____. Saúde Mental, desinstitucionalização e novas estratégias de cuidado. IN: **Políticas e sistema de saúde no Brasil**. GIOVANELLA, Lígia (Org.). 2. ed. rev. e ampl./ Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.

_____. **Saúde Mental e arte: práticas, saberes e debates**. AMARANTE, Paulo; NOCAM, Fernanda (Orgs.). São Paulo: Zagodoni, 2012. pp.9-11.

_____. A (clínica) e a Reforma Psiquiátrica. IN: **Arquivos de Saúde Mental e atenção psicossocial**. AMARANTE, Paulo. (Org.). Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

_____. (Coord.). **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1995.

AMORIM, Mariana dos Santos. **A xilogravura na literatura de cordel: apontamentos teóricos visando a dialogicidade**. Brasília: UNB, 2015.

BARROCO, S. M. S.; SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 22-31, jan/abr. 2014.

BRASIL. **Lei nº 10.216**, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília: 2001.

CAMPOS-BRUSTELO, Tatiane Neme; BRAVO, Fernanda Feliciano; SANTOS, Manoel Antônio dos. Cantando e encantando histórias de vida em um centro de atenção psicossocial. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** (Ed. port.), Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 1-11, 2010. pp. 1-10.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Introdução: A psicologia social comunitária. IN: **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. CAMPOS, Regina helenade Freitas (Org.). 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CAMPOS, Rosana Teresa Onocko et al. Avaliação da rede de centros de atenção psicossocial: entre a saúde coletiva e a saúde mental. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, supl. 1, p. 16-22, Aug. 2009.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 34. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. IN: **Psicologia social: o homem em movimento**.

LANE, Silvia Tatiana Maurer; CODO, Wanderley. (Orgs.). 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.pp. 58-75.

CIRANDA CULTURAL. **O patinho feio**. Ilustrações: Lia A. Kobayashi. Diagramação: Sergio Kobayashi. 2ª impressão, 2013.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA(Brasil). **Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogos(os) no CAPS - Centro de Atenção Psicossocial**. Conselho Federal de Psicologia, Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas.Brasília: CFP, 2013.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). **Resolução n º 466**, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012.

DELGADO, Paulo Gabriel Godinho et al. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. In: MELLO, M. F.; MELLO, A. A. F.; KOHN, R. (Orgs.). IN: **Epidemiologia da saúde mental no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 39-83.

DIONISIO, Gustavo Henrique; YASUI, Silvio. Oficinas expressivas, estética e invenção. IN: **Saúde Mental e arte: práticas, saberes e debates**. AMARANTE, Paulo; NOCAM, Fernanda (Orgs.). São Paulo: Zagodoni, 2012. pp. 53-65.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 55. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra,2013.

_____, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal. Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária. IN: **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. CAMPOS, Regina helena de Freitas (Org.). 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. Atividade humana. IN: **Psicologia comunitária: atividade econsciência**. Fortaleza/CE: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005, pp. 75-90.

GOMES, Emerson de Oliveira; SANTOS, Ricardo Lima dos; BARBOSA, Elane da Silva. A arte de contar histórias: uma estratégia para humanização da saúde. **Revista Interfaces da Saúde**. ISSN 2358-517X. ano 1. nº 01. Jun. 2014. p. 30-38.

GUARESCHI, P. A. Relações comunitárias - relações de dominação. IN: CAMPOS, R. H. F. (org.) **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. 13ª ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2007. pp. 81-99.

HENRIQUES, Halline Iale Barros; FIGUEIREDO, Alessandra Aniceto Ferreira; OLIVEIRA

FILHO, Pedro de. Cura e adoecimento em relatos de evangélicos usuários de CAPS. **ECOS/Estudos Contemporâneos da Subjetividade**. Ano 7. Volume 2. 2017. pp. 349-362.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. IN: LANE, Silvia Tatiana Maurer; SAWAIA, Bader. (Orgs.). **Novas veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 55-63.

_____, Silvia Tatiana Maurer. O processo grupal. IN: **Psicologia Social: o homem em movimento**. LANE, Silvia Tatiana Maurer; CODO, Wanderley. (Eds.). São Paulo, SP: Brasiliense, 1984. pp. 78-98.

_____, Silvia Tatiana Maurer. A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. IN: **Psicologia Social: o homem em movimento**. LANE, Silvia Tatiana Maurer; CODO, Wanderley. (Eds.). São Paulo, SP: Brasiliense, 1984.

LEMOS, Ana Carolina; SILVA, Nyêdja Cariri Gomes. A função terapêutica da arte de contar histórias. **Intersemiose**. Revista Digital. ANO I, vol. 01, n. 01. Jan/Jul 2012. pp. 7-23.

LIMA, Elizabeth Araújo. Artes menores: criação de si e de mundos nas ações em saúde mental. IN: **Saúde Mental e arte: práticas, saberes e debates**. AMARANTE, Paulo; NOCAM, Fernanda (Orgs.). São Paulo: Zagodoni, 2012. pp. 39-52.

LOPES, Patrícia. **Cabo de Guerra**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilescuela.uol.com.br/educacao-fisica/cabo-guerra.htm>>. Acessado em: 20 set. 2016.

LUSSI, Isabela Aparecida de Oliveira; PEREIRA, Maria Alice Ornellas; PEREIRA JUNIOR, Alfredo. A proposta de reabilitação psicossocial de Saraceno: um modelo de auto-organização. **Rev. Latino-americana de Enfermagem**. 2006 maio-junho; 14(3): 448-56.

MACHADO, Leila Domingues; LAVRADOR, Maria Cristina Campello. Por uma clínica da expansão da vida. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. v. 13, supl. 1, p. 515-21, 2009.

MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar e sentir em Sívila Lane. **Psicologia & Sociedade**; 19, Edição Especial 2: 76-80, 2007.

MATTA, Xênia da. **Dinâmicas de Formação para a Cidadania**. Minas Gerais, 27 ago. 2009. Disponível em: <<http://cucasuperlegal.blogspot.com.br/2009/08/dinamicas-de-formacao-para-cidadania.html>]>. Acessado em: 27 ago. 2016.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; PINHO, Ana Maria Melo de. **Arte e vivência na**

psicologia comunitária e na educação popular. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2014.

MOREIRA, Maria Inês Badaró; CASTRO-SILVA, Carlos Roberto de. Residências terapêuticas e comunidade: a construção de novas práticas antimanicomiais. **Psicologia & Sociedade**; 23 (3): 545-553, 2011.

NEIVA, Kathia Maria Costa. O que é intervenção psicossocial? IN: **Intervenção psicossocial: aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas.** São Paulo: Vetor, 2010. pp. 13-24.

NOCAM, Fernanda; ROMERA, Maria Lucia Castilho. Oficinas de Teatro e Clínica da Reforma: outras cenas. IN: **Saúde Mental e arte: práticas, saberes e debates.** AMARANTE, Paulo; NOCAM, Fernanda (Orgs.). São Paulo: Zagodoni, 2012. p. 112-125.

PAIM, Jairnilson Silva. **O que é o SUS.** Coleção Temas em Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

PAIVA, Geraldo José. Identidade psicossocial e pessoal como questão contemporânea. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 1, pp. 77-84, jan./abr. 2007.

PEREIRA, Maria Alice Ornellas. Representação da doença mental pela família do paciente. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.7, n.12, p.71-82, 2003.

PINHO, Ana Maria Melo de. Ressignificando: a arte e a vivência no viver e no conviver humano. IN: **A arte e a vivência na psicologia social comunitária e na educação popular.** MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; PINHO, Ana Maria Melo de. Curitiba: Editora CRV, 2014. pp. 103-127.

RAMMINGER, Tatiana; BRITO, Jussara Cruz de. “Cada CAPS é um CAPS”: uma coanálise dos recursos, meios e normas presentes nas atividades dos trabalhadores de Saúde Mental. **Psicologia & Sociedade**; 23 (n. spe.): 150-160, 2011.

REIS, C. A. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 142-157, jan/mar. 2014.

SALES, André Luis Leite de Figueiredo; DIMENSTEIN, Magda. Psicologia e modos de trabalho no contexto da reforma psiquiátrica. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 812, 2009.

SAMPAIO, Juliana; SANTOS, Gilney Costa; AGOSTINI, Marcia; SALVADOR, Anarita de Souza. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface (Botucatu)** [online]. 2014, vol.18, suppl.2, pp.1299-1311.

SANTOS, Ailton Dias dos; GAMA, Ana Maria Cardoso de Freitas; FARIA, Andrea Alice

C.; SOUSA, Josinaldo Aleixo de; MELO, Lidiane Rocha O.; CHAVES, Mírian Barbuda F.; FERREIRA NETO, Paulo Sérgio. **Metodologias Participativas: caminhos para o fortalecimento de espaços públicos socioambientais**. SANTOS, Ailton Dias dos. (Org.). São Paulo: Peirópolis, 2005.

SARRIERA, Jorge Castellá; SILVA, Marli Appel da; PIZZINATO, Adolfo; ZAGO, Cristiane Ungaretti; MEIRA, Patrícia. Intervenção psicossocial e algumas questões éticas e técnicas. IN: **Psicologia comunitária: estudos atuais**. SARRIERA, Jorge Castellá (Coord.). Porto Alegre: Sulina, 2004. pp. 19-41.

SAWAIA, Bader. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. IN: **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. SAWAIA, Bader. (Org.). Petrópolis: Editora Vozes, 1999. pp. 97-117.

SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. **Cadastro Nacional de estabelecimentos de saúde (CNESNet)**. Brasília. Disponível em: <<http://cnes2.datasus.gov.br>>.

SILVA, Rosalina Carvalho da. **Metodologias participativas para trabalhos de promoção de saúde e cidadania**. 1 ed. São Paulo: Vetor, 2002.

VENTURINI, Ernesto. A desinstitucionalização: limites e possibilidades. **Rev. Bras. Crescimento Desenvolvimento Humano**. 2010; 20(1): 138-151.

VIEIRA-DA-SILVA, Lúgia Maria; PAIM, Jairnilson Silva; SCHRAIBER, LiliaBlima. O que é Saúde Coletiva? IN: PAIM, J.S.; ALMEIDA-FILHO, N. (Org.). **Saúde Coletiva: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Medbook, 2014. pp. 3-12.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educação Popular: metamorfoses e veredas**. São Paulo: Cortez, 2010.